

as multinacionais

Nossa dívida espanta

A dívida externa do Brasil está criando problemas também para as multinacionais instaladas no País, que se sentem desencorajadas a operar aqui, revelou o Conselho das Américas.



A crise do endividamento externo não está prejudicando apenas os países latino-americanos. Os sintomas desse problema já começam a ser sentidos também pelas grandes empresas norte-americanas que investem aqui, segundo a conclusão de um estudo preparado pela firma Arthur Andersen and Co. para o Conselho das Américas.

As 52 grandes companhias que responderam à pesquisa se queixaram de que encontram, atualmente, um ambiente menos propício que anteriormente para suas operações na Argentina, Brasil, México e Venezuela, em consequência da crise da dívida externa desses países.

A crise

A análise conclui que, no contexto das operações mundiais dessas companhias, esses quatro mercados latino-americanos são cada vez menos importantes para elas. E atribui essa perda de importância a um agravamento das condições para investimentos estrangeiros e redução de suas vendas. Com isso, houve uma queda de 11% no número de empregos oferecidos pelas multinacionais, naqueles países, desde 1981. Esse número passou de 214.478 em 1981 para 188.490 em 1983, com uma ligeira recuperação para 190.132 em 1984.

Apesar destes problemas, o estudo detectou uma melhoria nos lucros das multinacionais nos países estudados, com exceção da Venezuela. O acesso a divisas estrangeiras, porém, foi classificado como muito restrito na Argentina e na Venezuela. O Brasil e o México tratam essa questão com mais liberalidade, segundo o trabalho.

O estudo acrescenta que as vendas combinadas das 52 empresas pesquisadas, na América Latina, reduziram-se de 28,4 bilhões de dólares em 1981 para 21,5 bilhões em 1983. Espera-se uma queda ainda maior em 84, quando as vendas totais devem ficar em 16,5 bilhões de dólares.

Esperança para 85

Baseadas em suas projeções sobre a situação econômica nos quatro países, caracterizada por uma acentuada redução do Produto Interno Bruto, durante os últimos anos, as companhias estimam que em todas essas nações o crescimento começará a ressurgir em 1985. A maioria das respostas assinalam o México como o primeiro desses países a registrar uma recuperação substancial, seguido pelo Brasil e Venezuela durante os próximos dois anos, sem estabelecer, porém, um consenso relativamente à Argentina.

No que diz respeito ao ambiente para investimentos, a maioria das empresas indicou uma deterioração nos quatro países, devido, principalmente, às condições econômicas locais, controle de preços, acesso a divisas externas e restrições nas remessas às matrizes das companhias nos Estados Unidos.

No caso da Argentina, sete empresas citaram também como fator adverso a situação política e, no caso do México, quatro companhias mencionaram discriminação contra as empresas multinacionais.